

# Opinião

Ideias



JOSÉ MANUEL FERNANDES Deputado ao Parlamento Europeu

## Entalados pelos radicais

**T**emos pela frente dois longos anos, se tudo correr como estabelecido, para a saída do Reino Unido da União Europeia.

Ontem, 29 de março, Theresa May acionou o artigo 50 do Tratado de Lisboa, notificando a União Europeia e dando assim início às negociações para o Brexit.

Por seu lado, Donald Tusk, presidente do Conselho Europeu prometeu que, em 48 horas, apresenta as directrizes do Conselho para as negociações do Brexit e anunciou para 29 de Abril a cimeira do Conselho Europeu.

Nesta cimeira, os 27 Estados-Membros terão que aprovar, por unanimidade, estas directrizes e o representante da Comissão Europeia para as negociações do Brexit, o antigo comissário francês Michael Barnier.

Do lado do Reino Unido, assumirão as negociações o Secretário de Estado para o Brexit, David Davis, reportando a Theresa May, e o Embaixador da Grã-Bretanha na União Europeia, Tim Burton, influenciando nas conversações com os Estados-Membros.

O Parlamento Europeu será um parceiro atento, construtivo e exigente nas negociações, vetando qualquer acordo que não seja justo para os cidadãos e Estados-Membros.

Até lá, insiste numa resolução com base em "equidade, reciprocidade, simetria e não-discriminação", enquanto durarem as negociações.

Se em dois anos não houver acordo ou os Estados-Membros não aprovarem o prolongamento das negociações, a legislação europeia e os Tratados deixam de ser aplicáveis ao Estado em causa.

Se o casamento com o Reino Unido

nunca foi fácil, quarenta e quatro anos de relação deixam adivinhar um divórcio complicado. Naturalmente, como em qualquer divórcio, vamos negociar os dinheiros, direitos, obrigações, suscetibilidades e famílias, o que poderá deixar adivinhar um longo caminho a percorrer.

Sou daqueles que considera que as negociações podem prolongar-se por mais de dois anos e que o Reino Unido poderá voltar atrás e decidir que, afinal, pretende ficar. A campanha de saída foi feita com base na mentira, o que se torna cada vez mais claro. Acresce que o Reino Unido para continuar no mercado interno poderá de ter de contribuir para o orçamento da União Europeia mais do que paga agora, com a agravante de não influenciar as regras.

O processo deveria estar concluído antes das próximas eleições para o Parlamento Europeu, que ocorrem em 2019. Seria ridículo para todos que tivéssemos candidatos do Reino Unido a concorrer quando, afinal, decidiram sair!

O próprio autor do Artigo 50, Lord Kerr, britânico, e a Câmara dos Lordes dizem que o processo não é irrevogável, enquanto estiver a decorrer. Mas, em janeiro, o Supremo Tribunal Britânico determinou que o Artigo 50 não é reversível e Theresa May diz que é mesmo para sair.

Do total das exportações da União Europeia só 6% têm como destino o Reino Unido, já as exportações do Reino Unido para a União Europeia atingem 52% do total. Com estes dados, parece-me óbvio que a economia britânica tem muito a perder com o Brexit. O Reino Unido corre riscos de desagregação interna, ainda que a médio prazo, como prova a vontade da Escócia em tornar-se independente e membro da União Europeia.

Em termos estratégicos, políticos e económicos, todos perdemos.

Estamos ainda longe de perceber qual será o alcance do Brexit. Haverá muitas, complexas e longas negociações para resolver os efeitos dos inúmeros acordos internacionais que foram celebrados e que se encontram vigentes entre todas as partes envolvidas.

As negociações vão incidir em novos acordos comerciais, acesso ao mercado único e condições de mobilidade das pessoas entre os dois lados.

O Brexit deveria trazer novas soluções europeias nesta Europa que sempre cresceu, avançou e se consolidou com base nas crises e no medo. Foi com medo a novas guerras que os países flagelados pela morte e pela destruição criaram a Comunidade do Carvão e do Aço até chegarem à União europeia.

Sou um europeísta convicto. Só com mais Europa podemos aspirar a um caminho europeu de sucesso e à afirmação dos valores europeus neste mundo global. Só com uma acção coordenada e à escala global é que venceremos os desafios da globalização, escassez de recursos naturais, alterações climáticas, aumento da população da mundial e migrações. Acresce que na União europeia temos uma baixa natalidade, somos dependentes em termos energéticos e enfrentamos o terrorismo e uma vaga de refugiados. Para a União Europeia vencer os seus desafios mais específicos é necessária uma acção conjunta e partilhada. Não se resolverão nem com muros, nem com o "orgulhosamente sós". A solução é mais solidariedade, mais responsabilidade, mais partilha, ou seja, mais União Europeia.

### + gosto

+ Portugal foi o país europeu que mais melhorou os números da sinistralidade na estrada. Desde 2010 tivemos uma redução de 40% de mortes na estrada, em relação à diminuição de 19% registada no resto da Europa. São números claramente positivos, mas que mostram a necessidade de manter os esforços para salvar vidas.

+ Os Bombeiros voluntários de Guimarães foram distinguidos com a medalha de mérito de protecção e socorro, grau ouro e distintivo azul, pelo trabalho desenvolvido ao longo dos 140 anos da corporação. É sempre positivo ver reconhecidos aqueles que arriscam as suas vidas para ajudar as populações.

### - não gosto

- O socialista Jeroen Dijsselbloem, presidente do Eurogrupo, teve esta semana uma das intervenções mais tristes da história recente ao dizer que os países do Sul da Europa não podem gastar o dinheiro "em mulheres e copos" e depois pedir ajuda. As declarações não se adequam a um presidente do Eurogrupo. A sua atitude maniqueísta divide e desagrega uma Europa a precisar cada vez mais de união. Só lhe resta demitir-se.

- De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância, cerca de 1,4 milhões de crianças estão em risco de morrer por desnutrição, em países como a Nigéria, a Somália, o Sudão do Sul e o Iémen. Não podemos aceitar. A Comunidade Internacional não pode ficar à espera das piores notícias para agir e tem que tomar medidas concretas de apoio a estes países e às crianças em risco de vida.

Paradoxalmente, o que está a triunfar são os nacionalismos, o radicalismo e o ódio, como provam o Brexit e as eleições de Trump nos EUA e de Duterte nas Filipinas. Os moderados estão a perder e a ficar "entalados" pelos radicais de direita e esquerda.

i  
inquérito



ADOLFO FERREIRA

Director BSB

"Não tenho a menor dúvida, é um cortejo capaz de grande mobilização não só dos bracarenses mas também de muitos visitantes que vêm de fora".



CATARINA ALVES

Estudante

"Na minha opinião é uma procissão, que apesar de mais popular, serve de grande promoção das outras procissões da Semana Santa de Braga".



DANIELA CARDOSO

Estudante

"No meu entender, além da grande mobilização que provoca, é um factor de forte dinamização da cidade".



ANTÓNIO MARTINS

Sacristão

"Para mim, a Procissão da Burrinha é um dos momentos altos que Braga vive nesta época da Quaresma".

**Considera que a Procissão da Burrinha é um ex-libris da cidade de Braga?**